



UMA RUA DE LUCERNA.

O lago de Lucerna não é mais do que um pequeno golfo do famoso lago dos Quatro Cantões, o mais bello da Suíça. A cidade em sitio elevado tem uma cerca de fortificações que datam de seculo XVI e dão uma apparencia singular á povoação n'um paiz, onde as verdadeiras muralhas foram erectas pela mão de Deus e sobem á altura de 14000 pés; á direita e á esquerda, como duas sentinellas, como dois gigantes, ou como os genios do bem e do mal, surgem o Righi, a rainha das montanhas (*regina montium*), revestido de seu manto de verdura matizado de aldêas e cabanas de queijarias (*chalets*), e o Pilatos (*mons pileatus*) esqueleto ossudo e descarnado, toucado de nuvens onde dormem as tempestades. Não pode a vista abranger-contraste mais completo do que o apresentado por ambas estas montanhas; uma, recamada de vegetação desde a falda ao cume, abriga cento e cincoenta *chalets* e sustenta tres mil vaccas; a outra, como mendigo andrajoso,

apenas com alguns farrapos de verdura sombria, descobrindo as ilhargas nuas e despoldadas, é só habitada de borrascas e aguias, de nuvens e abutres; a primeira tem jucundas tradições, a segunda recorda lendas infernaes, e o caminho que costeia a sua base foi escolhido por Walter Scott para theatro da scena terrivel que abre a sua novella de Carlos o temerario. (1)

Como por vezes temos fallado de Lucerna n'este jornal, trataremos, variando o assumpto, d'esse temeroso monte Pilatos, escolhendo a narração da sua lenda, como a põe mr. A. Dumas em estylo popular na bocca de um barqueiro.

— Sabeis como se chama essa grande montanha roxa e escarnada, que tem tres picos em memoria das tres cruzes do Calvario?

(1) Pode ver-se o 1.º tomo da—Anna de Geierstein, ou a Donzella do Nevoeiro = na'excelente traducção do sr. Ramalho.

— Chamam-lhe Pilatos.

— E porque lh'o chamam?

— Em razão da palavra latina *pileatus*, isto é, que traz barrete, porque tendo sempre nuvens no cimo, é como quem está com a cabeça coberta; e de mais, bem o prova o rifão que vos ouvi ainda esta manhã, perguntando-vos que tempo teríamos: — «quando Pilatos tem posto a sua carapuça fará tempo bom e sereno.» —

— Não daes no vinte, tornou o barqueiro.

— Então d'onde lhe vem o nome?

— É porque serve de sepultura áquelle que condemnou Christo.

— A Poncio Pilatos?

— Esse mesmo.

— São historias! O padre Brohier diz que elle fôra enterrado em Vienna, e Flaviano conta que o deitaram no Tibre.

— Tudo isso é verdade.

— Logo ha tres Poncios Pilatos.

— Não, senhor; ha um só, sempre o mesmo, com a differença que viaja.

— Parece-me coisa muito curiosa; e pode saber-se essa historia.

— Certo que não é mysterio, ahí qualquer paizão a contará.

— Tambem a sabeis?

— Embalaram-me com ella; mas, bem vêdes que estas historias são boas para nós, que somos uns nescios; mas as vossas pessoas não as acreditam.

— A prova de que creio, é que tendes aqui cinco francos se a contardes.

— E que fazeis das historias, pois que as pagaes tão largamente?

— Que vos importa!

— De certo que não me importa. Pois então lá vae. Bem sabeis que o algoz de Nosso Senhor sendo chamado de Jerusalem a Roma pelo imperador Tibério...

— Não sabia isso.

— Pois eu voi-o ensino. Vendo elle que ia ser sentenceado á morte pelo seu delito, enforcou-se nas grades da cadêa; de maneira que quando vieram para justicá-lo, acharam-n'o morto. O carrasco, descontente de achar feito o seu officio, poz-lhe uma pedra ao pescoço e deitou o cadaver no Tibre; mas, apenas caiu n'agua, o rio recuando para a sua fonte alagou os campos e inundou Roma; ao mesmo tempo horrascas medonhas desabaram sobre a cidade, a chuva e pedra açoitaram as casas, caiu um raio que matou um escravo que carregava com a liteira do imperador Augusto (1), o qual teve tanto medo que fez voto de edificar um templo a Jupiter tonante. Se fordes a Roma, lá o vereis, porque ainda existe. Mas, como este voto não fazia parar o carilhão da trovoadá, consultou-se o oraculo, o qual respondeu que em quanto não fosse *repescado* o corpo de Poncio Pilatos, o *estrago da abominação* continuaria. Não havia replica. Convidaram-se barqueiros; mas nenhum tinha gana de mergulhar para ir procurar o caturra, que fazia semelhante reboliço lá debaixo d'agua. Afinal, não houve outro remedio senão offerecer perdão a um sentenceado a pena ultima, no caso de sair-se bem da empresa. O condemnado acceitou; amarraram-lhe um cabo á roda da cintura e mergulhou duas vezes, mas debalde; á terceira, vendo-se que não voltava acima, alou-se o cabo e veiu o homem ao lume d'agua trazendo Poncio

(1) Espero que não me imputem este anachronismo.

Pilatos agarrado pela barba; o mergulhador não voltou vivo; com as ancias da morte os dedos da mão aferraram e não largaram o maldito; separaram-se os dois cadaveres um do outro, fez-se um enterro magnifico ao mergulhador e decidiu-se levar para Napoles o corpo do governador da Judéa e deital-o no Vesuvio. Dito e feito; porém, assim que o excommungado deu baque no vulcão, todo o monte bramiu, a terra estremeceu, houve um repucho de cinzeiro, correram rios de fogo, Napoles foi arrasada, e outras cidades ficaram debaixo do enxurro e da terra. Emfim como ninguem duvidava que todos estes disturbios eram obra do Pilatos, prepoz-se um grandissimo premio a quem o tirasse da sua nova sepultura. Apareceu um patriota, e n'um dia que a montanha estava mais serena, despediu-se dos amigos e abalou para aquella empreitada, não consentindo que alguém o acompanhasse e querendo arriscar-se sómente elle. Na noite depois do dia em que o homem metteu pés a caminho, ninguem pregou olho; mas tambem não se fez bulha; o ceo continuava a estar puro e rompen o sol com todo o brilho e como ha muito tempo se não via; então, foram em procissão á montanha e achou-se o corpo de Pilatos á beira do vulcão; porém, d'aquelle que o saccou para fora nunca mais houve noticia.

« Visto que não se atreviam a lancar outra vez Pilatos no Tibre por causa das inundações, nem a empurrá-lo para dentro do Vesuvio, pelo receio dos terremotos, metteram-n'o n'uma barca e dando-lhe reboque para fora do porto de Napoles abandonaram-na no meio do mar, afim de que fosse elle proprio, já que era de tão ruim contento, escolher a sepultura que mais lhe conviesse. O vento vinha do levante e por isso a barca andou para o poente, e como variasse ao cabo de oito ou dez dias saltando para o sul, a barca navegou para o norte. Por ultimo entrou no golpho de Lyão, deu com uma das boccas do Rhodano, foi rio acima até que topando, perto de Vienna no Delphinado, com o arco de uma ponte velha mettida debaixo d'agua, a embarcação soçobrou. Logo se renovaram os mesmos prodigios. O Rhodano revolveu-se, engrossou, e as aguas cobriram as terras baixas; a saraivada estragou as casas e as vinhas dos altos e trovejou furiosamente. Os viennenses, que não sabiam a que attribuissem esta mudança na atmospherá, levantaram egrejas, fizeram romarias, consultaram os mais sabios nigromantes da França e da Italia, e nenhum lhes pôde dizer a causa das desgraças que os affligiam; a assoção durou assim perto de duzentos annos. Ao cabo d'este tempo ouviu-se dizer que o Judeu errante estava para passar pela cidade, e como é um homem muito sabio, pois que não podendo morrer possue toda a sciencia dos tempos passados, os cidadãos resolveram espreital-o na passagem e consultá-lo sobre os desastres, cujo motivo ignoravam.

Continua.

M.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO XVI.

O Monge de Silos conhecido nas margens do Tamega — Eurico o Presbytero. — Ascensão milagrosa. — Covadonga! —

Fiquei admirado vendo que o barqueiro já não tinha pressa de ir buscar os meus companheiros, e elle conhecendo sem duvida o meu pasmo disse-me, como para se desculpar:

—Folgaria de ouvir repetir o nome que ha pouco pronunciastes...

—Covadonga?

—Esse é; sois lido nas chronicas, ao que parece?

—Pois vós sabeis que ha chronicas! Quem sois?..

—É precisa a autoridade do meu nome para garantia dos meus conhecimentos? disse o trovador sorrindo, não a tem; eu mesmo não tenho já nome.

—Perdoae, mas provocaes-me realmente tanta curiosidade, que não me pude conter... vejo que fui indiscreto, porém a culpa não é minha...

—Não; é da vossa curiosidade; não coreis, que não digo isto para vos offender. Sois moço; eu também já o fui, mas a minha vida extinguiu-se ha vinte annos n'um lugar chamado Santa Maria de Almoster....

—Almoster! no campo de Almoster? n'um dia de batalha?

—N'um dia de batalha.

—Então vós?... comprehendo; o que foi de gloria e satisfação para uns, foi para outros de desgraça e de....

—E de vergonha, quereis dizer? Vejo que vos educaram com esse fatal prejuizo de avaliar um partido pelos malvados que o deshonram; já era esse o defeito do meu tempo. Além de que foi de desgraça para todos, aquelle dia de batalha!

—Não vos farei a offensa de questionar comvosco a esse respeito.

—Porque julgaes que me basta o haver sido vencido, não? Pois bem, dizei se ha gloria em fazer correr ondas de sangue de irmãos...

—Não... porém as circumstancias...

—As circumstancias. Ah! se estivesseis em Almoster?

—Veria um combate magnifico!

—Magnifico na verdade para um soldado que triumphava; horroroso para um christão e para um philosopho! — Todavia não direi que se offendeu a arte n'aquella peleja temerosa; não faltou valor de parte a parte, graças a Deus! O inimigo appareceu coroando as alturas; nós formámos, cortando o terreno em meia lua, com testas de columna dobradas, para se unirem depois em quadrado envolvendo as primeiras brigadas enviadas contra nós; o exercito ficou pois n'uma posição em que devia vencer ou morrer todo; ao mais leve movimento, a uma só voz operava-se uma manobra que apresentava ao inimigo um ouriço de bayonetas, do meio das quaes voava uma chuva de balas capaz de abater muralhas de bronze. A artilheria protegia os flancos; e as baterias levantadas na retaguarda varriam a campina de uma a outra extremidade. A cavallaria compunha a maior parte da reserva, e era destinada a suste o choque das columnas contrarias, abrindo depois o terreno, por um rapido movimento, ás balas de toda a nossa infantaria.

O inimigo era digno d'estes preparativos! O seu exercito estava disposto de modo que pudesse marchar para todos os pontos, por meias brigadas, e brigadas, sem todavia desguarnecer as suas posições, tal era a sabia previsão do seu general! A sua cavallaria compunha-se d'um punhado de valentes, destinados mais a sacrificar-se para introduzir a desordem nas nossas fileiras, abrindo caminho aos seus infantes, do que a soldados de combate. E comtudo deram cargas admiraveis!

Começou a acção.

As primeiras columnas que marcharam sobre nós foram abatidas como as espigas de trigo pela mão

dos ceifeiros; vieram outras e caíram também; depois outras, e outras, uma torrente de regimentos, de meias brigadas, de brigadas que vinham esmagar-se contra as barreiras de aço que lhe oppozemos! Por fim o inimigo carregou em toda a linha, mandou os seus ultimos batalhões de gente escolhida, as reservas, a flor dos seus officiaes, e o general em chefe, vendo que todos os seus succumbiam dispunha-se a morrer gloriosamente com a espada na mão á frente do seu estado maior, quando se lembrou de operar uma manobra que nos attrahiu sobre a ponte. Então mudou tudo. A vantagem passou para os contrarios e os nossos começaram a ser degolados ou a fugir em desordem. Em vão os officiaes de fileira tentaram sustel-os, em vão a nossa cavallaria dava cargas sublimes; as nossas columnas estavam rotas, a nossa bandeira abatida, e a do inimigo tremulava sobre um oceano de sangue!....

A physionomia do meu barqueiro tinha-se illuminado um instante, quando descreveu confusamente a batalha, mas concluindo a narrativa tornou-se de uma profunda melancolia. Já se vê que a acção de Almoster não foi exactamente como aqui se pinta, mas eu respeitei a descripção do soldado realista, e conservei fielmente o plano que elle me traçara d'ella.

Passado o primeiro momento de silencio que succedeu á sua historia perguntei-lhe:

—Que fizestes depois?

—Morri.

—Não entendo.

—Eu não era soldado... para combater com aquellas armas. Para mim não havia convenção, nem haveria talvez perdão... Depois extinguiram-se os conventos.

—Então vós?...

—Era frade. Hoje posso dizel-o; já la vão muitos annos! E também de que lhes serviria a elles vingarse agora d'um pobre velho que nunca lhes fez mal? Cumpri o meu dever: no convento... *amei*; no campo de batalha, pejei. Que mais se pode exigir d'um pobre homem?

A palavra *amei* foi dita de um certo modo que augmentou a minha curiosidade e desejando levar mais longe as minhas investigações continuei:

—Amastes como padre?

O antigo soldado cravou em mim um olhar ardente, porém rapido como o pensamento, readquiriu logo a sua serenidade e respondeu-me com doçura.

—E como homem.

—Sois muito instruido, pois conheceis o *Monge de Silos* e eu confesso que nunca o pude ver... Já lestes *Eurico o Presbytero*?

—Não.

—Pois é um grande poema... a historia de um Presbytero que se apaixonou loucamente...

—Um padre! e amava uma mulher? e ella?...

—Tambem o amava.

—E depois?

—Morreram.

—Longe um do outro?

—Creio que sim.

—É isso; é isso mesmo! A paixão não pode passar pelo coração de um padre sem o esmagar e atirar com elle para uma sepultura!

Dizendo estas palavras, pegou-me na mão e continuou com arrebatamento:

—Cuidaes que haja corpo capaz de conter dentro em si uma alma apaixonada? Estaes enganado; é porque nunca amastes, nem fostes amado! Se lhe

correspondem, a vossa alma deixa-vos para se reunir a essa outra que a entende, para vos fazer viver outra vida; mas se a não sabem entender julgaes que haverá barreira capaz de contel-a? que haverá vontade, por mais forte e robusta, que lhe diga — fica na terra! — quando ella pode subir ao ceo? Enganaes-vos, se tal cuidaes!!

Vêde como eu ando aqui ha perto de vinte annos! o meu corpo abandonado vaga sem alma. Como as cinzas de um volcão apagado, que ficam ainda muito tempo no fundo da cratera antes que as dispersem os ventos, tal eu me acho na terra-á espera dos vermes que devem devorar-me.

O velho ergueu os olhos para o ceo, descobriu a cabeça, pareceu murmurar um nome, e as linhas graves e severas da sua fronte restituiram de novo á sua physionomia a impassibilidade que lhe era habitual. Depois saltando no barco, impelliu-o para o largo, e foi buscar o M., que já se impacientava com a demora. Quando voltou não me deu mais resposta a nenhuma das minhas perguntas, e á despedida, quando lhe perguntei o seu nome respondeu-me que se chamava o Pescador. — A gente das povoações circunvisinhas, segundo eu depois soube, chamava-lhe o *Bom Homem Pescador*. (1)

Quando montámos de novo a cavallo o sol começava a desaparecer por detraz das montanhas; era muito tarde para procurarmos o verdadeiro caminho que conduz á Feira Nova e do qual nós havíamos perdido os vestigios da outra banda do rio. Na nossa frente levantava-se uma cordilheira que seguia a margem do Tamega até ao Doiro, proximo de S. João de Alpendurada. Estrada não havia nenhuma, nem coisa que com isso se parecesse; perguntámos nas azenhas o caminho que devia seguir-se para as terras altas, e mostraram-nos um carreiro que em forma de serpente e quasi perpendicular se enroscava pela serra ás bordas d'um abysmo horroroso. Para o subirmos a pé e com os cavallos á mão não chegaríamos acima senão de noite fechada, e isso não nos convinha porque não sabíamos para onde encaminhar-nos; para subirmos a cavallo não era só difficil, era perigosissimo, e quasi loucura o tental-o. Todavia depois de serias reflexões foi este ultimo partido o que seguimos, com grande admiração de tres mulheres e de um velho que se achavam á porta das azenhas; quanto ao nosso trovador — barqueiro — tinha desaparecido pelo rio acima, e ouvia-se ao longe a sua voz grave e melancolica entoando uma canção guerreira.

Eu passei para diante com o meu cavallo hespanhol. Covadonga era um animal com quem se podia contar; em quanto lhe restasse um sopro de vida eu bem sabia que, á minha voz, elle atravessaria rios de fogo, e saltaria abysmos! Foi pois para que desse aos outros dois cavallos o exemplo da verdadeira coragem que eu o colloquei na frente; depois seguia-se o do M. e atraz d'este o do criado. Uma vez que a superioridade de Covadonga me dava posição na testa da columna, julguei do meu dever não deixar escapar a excellente occasião que se me offerecia de fazer um discurso aos meus camaradas. Havia realmente perigo n'essa ascensão que nós íamos tentar quasi imprudentemente, por isso a minha voz tremia um pouco de commoção, e estou certo que se o auditor fosse mais numeroso e menos indulgente saltar-me-hia o animo para lhe fallar. To-

(1) Este individuo ali existia ainda em fins de 1853. depois desapareceu abandonando o seu barco, e nunca mais houve noticias d'elle.

davia animado pelo religioso silencio que reinava entre os meus bravos companheiros, que se realmente não reagiam contra a tentativa da ascensão era porque o terror os tinha como aniquilados, e lisonjeado pela attenção que me prestavam as moleiras, inclinei-me sobre a sella com certo desvanecimento de quem conhece o seu publico, afaguei o pescoço do meu cavallo, e pronunciei a seguinte peça de eloquencia, de que nenhum dos circunstantes entendeu palavra: -

« Camaradas e rapazes! (o estylo era republicano-monarchico segundo as idéas da epoca.) Os perigos fizeram-se para os homens, e os homens para os perigos (estes trocadilhos eram muito moda n'aquelle tempo.) Este caminho que aqui vêdes conduz á Feira Nova (sensação no auditorio;) lá nos espera uma boa ceia (o criado lançou-me um olhar de ternura, e o M. coçou na cabeça;) o transito é perigoso e difficil (grande attenção;) será grande a gloria se chegarmos a salvamento ao nosso destino, pois teremos feito o que sem duvida ninguem fez ainda nem fará depois de nós (duas das moleiras foram-se embora muito commovidas e um jumento que andava a pastar olhou para nós com olhos espantados!) É arrojada a empresa e podemos rolar no fundo do Tamega com os nossos cavallos (signaes de approvação; tornam a apparecer as moleiras, e o jumento continua a pastar com grande indifferença.) Para evitar qualquer irreflexão que possa sobrevir dos accidentes do terreno vamos subir a montanha a meio galope; seria mais facil cair indo os cavallos a passo, e assim meus filhos (tosse em toda a assembléa; uma das mulheres levou aos olhos a ponta do avental, e o criado mordeu a ponteira do chapeo de sol,) animo! e segui-me sem hesitar. Leonidas e trezentos Spartanos defenderam o passo das Termopylas (eu não sei a que veiu aqui esta citação, e os assistentes dão visiveis mostras de não a entenderem;) nós não somos Leonidas (o jumento fitou as orelhas em signal de assentimento;) mas somos homens; valor, e audacia!»

Concluido este famoso monumento oratorio, notei que todos estavam a olhar para mim como se ainda esperassem mais, d'onde concluí que elles não perceberam nada do que lhes havia dito. Enchi-me de colera e despeito por ter desperdicado a minha arenga e cravei as esporas na barriga de Covadonga, que não esperando aquella repentina aggressão atirou um coice ao jumento, que se havia aproximado como curioso, e partiu a galope no meio das pragas e maldições das moleiras. Os meus companheiros seguiram-me de perto e começou a ascensão geral.

Nunca em minha vida me arrependi tanto de coisa alguma como de ter subido aquelle tremendo despeñadeiro, ainda hoje se me levantam os cabellos quando me lembro do modo milagroso porque devo a vida a Deus e ao meu valente e fiel cavallo! — O caminho segue quasi todo á borda d'um precipicio; vê-se lá em baixo o rio verde-negro e rugindo como se uma legião de demonios estivesse no fundo das suas aguas a convidar os cavallos a que precipitem os cavalleiros; a serra é cortada a pique sobre o Tamega, e a vista vacilla quando quer fitar-se nos objectos da altura de oitenta varas; urzes, carqueja, murta e rosmannho bordam esse trilho que seguem os nossos cavallos; estas plantas odoriferas encobrem a morte. Um pé do cavallo mal posto, um falso do terreno encoberto por um grupo de murteiras fará resvalar cavallo e cavalleiro, que juntos chegariam em mil pedaços ao leito do rio, se não ficassem cravados nos troncos agu-

dos que saem dos flancos do monte como puas enormes d'uma clava de gigante! — Covadonga com as orelhas fitas, as clinas erriçadas como as lanças d'um porco espinho, e a cauda levantada, galopa cheio de terror; os outros dois cavallos com os seus cavalleiros acompanham-nos a distancia de doze passos. De repente o caminho faz um angulo para o lado do rio e apresenta uma barreira de granito coberto de musgo amarelento; o carreiro faz a circumvallação do rochedo, mas eu já não tenho tempo de suster o meu cavallo nem me atrevo a lançal-o por fora do precipicio; confiado na coragem de Covadonga tenho a imprudencia e a temeridade de o obrigar a subir a barreira.

O nobre animal, sentindo as minhas esporas e vendo a grandeza do perigo, solta um rugido de agonia e arroja-se para diante com o desespero da morte. Chega, lança as mãos ao meio da ladeira escorregadia, sente as ervas e a terra cederem ao seu peso, crava as ferraduras na rocha viva, e deita pela bocca e pelas ventas jorros de espuma e de sangue, quando se desferra de ambas as mãos ao mesmo tempo e perdendo o equilibrio inclina-se para traz, ficando perpendicular ao abysmo! Mais rapido que o pensamento, e mais por instincto do que por sangue frio, eu precipito-me sobre o pescoço do cavallo, e orando no fundo da minha alma repito com toda a força dos pulmões o grito de — Covadonga! — O animal torna a pôr as mãos na rocha, suspende-se por um esforço supremo, ou antes com o auxilio divino, e acha-se no alto da montanha coberto de suor ensanguentado, tremulo, arquejante que foi preciso eu aprear-me para que elle se deitasse alguns minutos, porque não se podia suster nas pernas.

Os meus companheiros, pallidos, suspensos, por que vindo a distancia de mim tinham tido tempo de parar a carreira, apeavam-se e conduziam os seus cavallos á redea, em quanto eu dava silenciosamente graças a Deus.

D'ali a um quarto d'hora entravamos na Feira Nova.

Continua.

F. G. DE AMORIM.

A CANTORA DAS RUAS. — DESENHO DE GAVARNI.

Nada ha ignobil n'esta physionomia adolescente: o ovado do rosto é gracioso, olhos vivos, a bocca quasi infantil; no todo nota-se uma certa expressão de brandura e até de vigor: e todavia predomina nas feições e na attitude uma tristeza indolente, um abandono de si; a penuria abateu todo o orgulho, todas as esperanças da rapariga. Vestida de fatos sem escolha, mal penteada, indifferente á belleza propria, canta sem pensar, sem gosto, do mesmo modo que faria andar a roda de uma machina ou passaria a lançadeira de um tear. Ali só ha o distinctivo da prostração do animo; é claro que faz uma coisa que não estima e que por consequencia a faz mal. O homem precisa entrar no que faz com certa influencia, sentir n'isso o vigor da sua vontade; é o que dá nobreza ao trabalho, o que differença o homem livre do escravo. Ora, o aspecto da pobre cantadeira declara sobejamente a sua escravidão; oprimida pela indigencia. Não canta, como as aves, por cantar, mas para comer. A cantiga que lhe ouvis debaixo das vossas janellas não é mais do que o brado da fome, nem exprime contentamento nem melancolia, pede pão!



Nas sociedades primitivas as coisas corriam d'outra maneira. As classes que formamos na arte, e que deixaram nas praças publicas sómente os seus mais infimos interpretes, não existiam então. Homero, se acreditarmos a tradição, divagava pela Grecia cantando os seus poemas; Pindaro repetia as suas odes perante as multidões; Sophocles e Euripides representavam as suas tragedias para o povo de Athenas. Muito depois a igreja pagava aos mais peritos cantores para ouvirem os fieis as lóas que celebravam os milagres dos santos ou as virtudes da Mãe de Christo. É notorio que os trovadores corriam as aldéas e os castellos feudaes pagando a hospitalidade com seus romances. Nos povos do norte além dos bardos adherentes ás casas nobres havia outros destinados á nação, que nas assembléas cantavam os sublimes feitos dos avoengos excitando a sua posteridade a imital-os. A arte achava-se no seu periodo verdadeiramente popular, e tinha logar onde quer que havia homens para perceberem e escutarem; ainda não se lhe tinham erigido esses ricos edificios reservados a seu culto mais requintado, e onde só entram pequeno numero de iniciados.

Os cantadores das ruas são, portanto, os ultimos

representantes de uma instituição que já teve sua importância histórica. Como tudo quanto acaba perderam as recordações da sua origem, e depois de terem sido instrumentos de civilização, apresentam-se agora como resíduos de uma época barbara. Decaindo cada vez mais, os que eram chamados bardos tornaram-se mendigos. No entanto, pode vir tempo em que a arte vulgarizada tome lugar definitivo na vida commum; generalizando-se a sua influencia poderia ser meio de propaganda e de educação publica, cujo valor e alcance agora não apreciamos cabalmente.

M.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

(Conclusão.)

V

Mas seremos sinceros como o havemos sido até aqui. Estes dotes, que, fecundados pelas regras da poetica, dariam de si um d'esses poetas fluentes e harmoniosos, como os fadou a Italia, e nós os vimos em Gonzaga e Bocage, perdem muito da sua potencia virtual, porque (digamol-o de uma vez) os ataca a febre da época. O sr. Novaes como encontrou um accesso facil no dominio das musas, não lhe importou investigar se o seu trato intimo tem segredos que releva inquirir e devassar e cuja posse, quando é incontestavel, marca de um cunho perduravel todas as produções concebidas debaixo dos seus auspícios. Sainte-Beuve define algures o poeta pelo homem que não sabe mas que adivinha, que sente e produz. A definição foi feita para o sr. Novaes. O sr. Novaes sentiu-se poeta e improvisou; achou-se facilidade em improvisar e escreveu. Mas a verdade é que essa mesma facilidade lhe protrahe o talento. A espontaneidade nem sempre é a perfeição, porque n'essas manifestações torrentosas da phantasia poetica, raras vezes a reflexão é ouvida, nem tempo tem para refrear os vôos que degenerem em devaneios, ou commedir as incorrecções da forma que originam as deformidades do estylo. É por isto que vemos o poeta portuense apresentar-nos em suas obras incoherencias ou conjunto de bellezas e defeitos, que seria difficil de explicar a não ir buscar as razões aos principios que estabelecemos. Por exemplo, o sr. Novaes vê-se que metrifica com facilidade e por vezes com fluencia e harmonia; mas estas qualidades são como obscurecidas pelas corruptellas e vicios de locução e prosodia, introduzidos nas classes menos cultas. É d'aqui que nascem esses defeitos de metrificação que a mais latitudinaria indulgencia lhe não pode relevar; porque o sr. Novaes apresenta-se debaixo do duplice caracter de poeta e critico, e, como tal, arma contra si de austeridade muito mais inflexivel o espirito do exame. Os hyatos, elisões forçadas e os hyperbatos mais que filinicos que transtornam a natural harmonia do verso e o obrigam a contracções inadmissiveis em toda a poetica, quebram a impressão geralmente agradável que produz a leitura das suas poesias. O abuso que faz sobretudo das figuras synalepha e crase nunca pode ser tolerado nem pelas regras da metrificação, nem mesmo pelos preceitos da boa prosa e euphonia. O sr.

Novaes escreve constantemente *p'r'a*, *p'r'o*, *qu'rer*, e chega a escrever por uma liberdade de elisão impossível de admitir *requ'rimento*. Permitta que lhe não despachemos este requerimento, pois tememos que atraz d'elle venha o *esp'rito* e os *esp'ritados*. E mesmo n'este abuso o poeta do Douro não segue um systema unico, porque ora contrabe, ora dilata os vocabulos, segundo as exigencias da sua metrificação caprichosa, do que resulta encontrarem-se muitas vezes versos proximos contrariando as mesmas regras que parece terem sido até ahi adoptadas como principios invariaveis. Estes versos, por exemplo, mostram bem claramente o que notamos:

Lhe brada a natureza: arre *p'r'a* prosa!
E o diabo inda a fugir *para* a poesia.

N'estes versos ha elisão na preposição *para*, no primeiro (aliás hem pouco euphónico) e no segundo não: do que se segue, conforme a unidade de principios que deve presidir a um systema, que, ou o verso de cima é comprido ou o debaixo curto.

Estes offerecem o mesmo exemplo:

E para unida ver loucura tanta
A caminho me puz *p'r'a* Terra Santa.

Aqui temos a mesma incoherencia.

Estes exemplos tão proximos, e como que guer-reando-se pela contradicção, demonstram o pouco cuidado que o poeta presta ás questões de forma, o que n'elle é tanto mais para censurar quanto se torna evidente a facilidade com que produz.

É tambem erro de versificação querer elidir a vogal que forme syllaba aguda com o vocabulo que se siga, começando este por *h* aspirado, como n'estes versos:

D'alli me dirigi á *hospedaria*

A preposição *a* nunca pode, n'estes casos, fazer elisão com *hospedaria*, ficando por conseguinte o verso com uma syllaba de mais, conforme a boa medição.

Não ha tambem analyse, por mais indulgente, que possa subordinar estes dois versos ás regras da boa versificação:

E eu, que ando só a pé, se tenho um calo.

E este:

E ha paisinho, apaixonado etc.

Os diptongos de uma e duas syllabas levam egualmente o poeta portuense a incorrecções que o conhecimento das mais ligeiras noções da arte poetica evitaria.

Os hyatos, ou concurso de duas ou mais vogaes, defeito quasi sempre nascido das viciosas locuções populares que a fluencia e euphonia que devem formar o principal caracter de todo o genero de metro não consentem, são assaz triviaes no livro que analysamos. Que admira: porque estas imperfeições não só accusa o ouvido, mas conspira contra ellas a propria resistencia da pronuncia, que na dificuldade com que forma esses sons prolongados do conjunto de vogaes mostra que não só as leis do gosto, mas tambem as physiologicas, são offendidas com semelhante abuso. Já contra elle protestava Boileau da seguinte maneira.

*Gardez qu'une voyelle à courir trop hâtée,
Ne soit d'une voyelle en son chemin heurtée.*

E todavia, o autor do *Qui pro quo* é audaz em enfileirar e absorver grande copia de vogaes n'uma só syllaba, segundo as suas exigencias de metrificacão.

Da má interpretação que elle tambem dá ás diferentes especies de diphthongos, nasce o uso constante da figura crase, ou contracção de vogaes, que, por forçada e contra a natural e larga accentuação da lingua, produz dureza nos versos em que é empregada. Estes offerecem um exemplo notavel do que dizemos:

E o diabo inda a fugir para a poesia.

bem como este:

E quando a criança opprimida, etc.

Tanto a palavra *creança* como *diabo* nunca podem ser tomados por vocabulos dissyllabos, mas tressyllabos, porque o accento dominante fere justamente as syllabas que o poeta tenta contrahir, e as divide, assim como *ciame*, *embaido*, *arruinado*, que estão no mesmo caso.

Não passaremos sem reparo um exemplo do emprego da figura ecthlipse, que, depois de Ferreira, o poeta que mais abusou e exagerou a sua applicação, poucas vezes a temos visto usada com talousadia por bons metrificadores que possam servir de norma. É no verso seguinte:

C'uma canção pagar uma gallinha.

Esta expressão é de mau soido, e offende por certo as regras do estylo.

Muito teriamos a dizer se nos quizessemos alargar n'estas questões propriamente didaticas, que a muitos parecem importunas e porventura pretenciosas e que nós julgamos todavia essenciaes, e sobre que insistimos, e insistiremos, porque vemos que são aquellas mais descuradas dos jovens poetas.

Outro ponto tocaremos nós ainda de relance, não como censura, mas como advertencia: é a predilecção que mostra o sr. Novaes pela rima de parellhas. Este uso, que os francezes preferem em consequencia de razões todas ou quasi todas nascidas da indole do seu idioma pouco numeroso, entre nós não encontra sectarios, porque é incontestavel a monotonia e frouxidão que elle traz a toda a composicão poetica. José Agostinho de Macedo, na jovialidade da sua critica popular, comparava-o ao titinar regrado das campainhas dos machos de liteira. E effectivamente é uma cadencia obrigatoria, que subjeta assaz o pensamento a uma condição que até se torna desagradavel ao ouvido, por contínua e vulgar. É possivel unicamente admittil-a quando esta natural monotonia da parte mechanica do verso seja combatida pelo movimento do estylo e arrojado da idéa. E em todo o caso nada chega ao verso hendecasyllabo solto; e poucos idiomas o podem produzir mais senhoril de suas galas e donaires como o idioma portuguez.

Já que tocamos em versos hendecasyllabos não podemos deixar de inquirir o poeta sobre a razão porque uma grande parte das poesias que escreve n'este genero de metro, que as escreve em tercetos, as deixa sem o fecho do quarteto, usado por todos os

poetas estrangeiros e nacionaes. É unicamente assim que fica completo e perfeitamente cadente o jogo seguido da rima. Da forma adoptada pelo sr. Novaes fica suspenza, e causa estranheza a tudo o ouvido fino.

Este genero de analyse levar-nos-hia a largas dissertações, muito mais se quizessemos passar d'esta parte exclusivamente technica para aquella que se determina por leis que são já do dominio metaphisico. E ainda assim, este assumpto tocamos-o porque nos dirigimos a um talento que a natureza fadou poeta, e que basta indicar-lhe certas veredas de perfeição, para o seu desinvolvimento se completar conforme as verdadeiras condições da arte. A isto accresce que o poeta portuguez possui a melhor virtude do talento, a modestia. Esta qualidade, que não pode deixar de reconhecer os bons desejos com que lhe fazemos estes reparos, assegura-nos a cordialidade com que é sempre recebida a critica, que, para ser instigadora e fecunda, não pode deixar de mostrar-se severa.

Terminaremos este bosquejo critico, convidando o sr. Novaes a ensaiar um genero que o seu livro não contém, e para que as suas grandes qualidades descriptivas, o sainete cómico das suas replicas, o convidam como a um triumpho indisputavel. Fallamos da fabula. A fabula, esse genero de satyra dramatisado, em que os antigos, e os francezes principalmente, são tão ricos, está quasi por cultivar entre nós. E todavia foi a fabula a arma da critica moral mais poderosa da antiguidade, e é ella que offerece mais rebuço e impersonalidade a todo o desafogo satyrico, quando queira evitar o exemplo lamentavel da personificação do libello moderno.

ANDRADE FERREIRA.

CHRONICAS MONASTICAS.

(Continuação.)

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Estava alcançado o fim. Os sustos e os terrores acabaram. A Companhia de Jesus já não era temida.

Todas estas phases de crescimento e decadencia tiveram seus periodos que precisam estudados á luz da historia e da razão. Não os precipitemos. Conduzamos o leitor atravez esses factos que ficaram registados, apresentemos-lhe as grandezas, os serviços, as glorias d'estes missionarios, exponhamos-lhe tambem as injurias e os delictos com que se aggravaram, e pesadas assim umas e outras razões vejamos para onde se inclina a balança.

Começemos pela introducção d'esta religião em Portugal, que foi onde a Companhia teve a primeira casa propria, mesmo antes de ser approvada pelo papa Paulo III com as bullas apostolicas no anno de 1540, para o que tambem poderosamente concorreu o nosso piedoso monarcha D. João III, escrevendo ao imperador Carlos V seu cunhado, e ao rei de França Francisco de Valois para com redobradas instancias alcançarem de sua santidade este despacho.

Era n'aquelles tempos por nosso embaixador em Roma D. Pedro Mascarenhas, perfeito varão em cargos de paz e de guerra. Vendo elle como na capital

do orbe christão se empenhavam na conversão do mundo S. Ignacio de Loyola, que foi o fundador d'esta religião, e seus companheiros que ao todo não excediam a nove, escreveu a el-rei lembrando-lhe o grande proveito que a conquista da Asia oriental poderia colher d'elles.

El-rei, que pelos mesmos tempos havia recebido bons informes por via do doutor Diogo de Gouvea, reitor no collegio de Santa Barbara em Paris, que conhecia muito de perto e praticara com santo Ignacio, e seus companheiros quando ali estudaram, não hesitou no alvitre, e se empenhou para prover com taes obreiros as provincias d'aquellas remotas paragens onde as poderosas armas portuguezas resplendiam com tamanho lustre.

Para este fim escreveu D. João III ao mesmo reitor para que apertasse com santo Ignacio a enviar-lhe a Portugal alguns dos seus companheiros.

Sendo por esta via presente ao santo a instancia real, respondeu elle a Diogo de Gouvea que o deferimento á petição estava em Roma: porque presupposta a acceitação que o santo padre tinha de se pôrem em suas mãos elle e os seus companheiros, era da mão do supremo Pastor do mundo que se deviam grangear tão illustres missões.

Recebida por el-rei esta resposta, logo ordenou ao sobredito embaixador D. Pedro Mascarenhas que em Roma tratasse aquelle negocio com o papa e santo Ignacio.

Eram seis companheiros por que o embaixador instava; porém visto o limitado do seu numero, o santo só pôde conceder dois para a India, porque os restantes tinham de ficar para as outras provincias do mundo tão necessitadas como as orientaes.

E como o embaixador acabara o seu tempo na corte de Roma e estivesse proximo a partir para Portugal, desejando trazer consigo aquelles missionarios que el-rei tão gostoso solicitava, redobrou de instancias com o papa e com o santo para que se nomeassem os dois padres que se lhe concediam; juntando a outras razões uma de não pequena ponderação — chegarem a Portugal a tempo de se poder aproveitar a monção da India.

Santo Ignacio nomeou em primeiro lugar Simão Rodrigues, que a outros muitos titulos especiaes para esta missão juntava o de ser portuguez, podendo assim com mais facilidade menear as coisas da missão em Portugal, e assistir á conversão da India, onde a lingua portugueza e os ministros d'esta nação imperavam.

Para este fim o mandou vir da Toscana, onde então se achava missionando.

Simão Rodrigues accorreu gostoso ao convite, apesar de doente que estava, e embarcando em Civita-Vecchia com Paulo Camerte, que em Roma fôra admitido na companhia, e trouxe por companheiro para Portugal, aportaram em Setubal, por ordem que traziam do embaixador, e se recolheram á quinta da Palma, que demora entre Setubal e Alcacer, e então era fazenda de D. Pedro Mascarenhas.

De quem era este portuguez que então andava por aquellas paragens de Italia e entrava em o numero dos nove que constituiram a Companhia de Jesus, e que teve tão substancial parte na fundação d'esta provincia que foi mãe das da India, Brasil, China e Japão, bem é que se diga n'este logar.

Simão Rodrigues d'Azevedo era seu nome. Nasceu em Vouzella, concelho de Lafões, na comarca de Lamego, situado na provincia da Beira, pela divisão administrativa d'aquelles tempos.

Seu pae chamava-se Gil Gonçalves, e sua mãe Catharina de Azevedo, ambos da gente principal da terra, e como se diz pela tradição, parente do bem-aventurado S. fr. Gil Rodrigues da ordem dos prédadores, que teve o seu glorioso transito em 14 de maio de 1265, no convento de S. Domingos da villa de Santarem.

Finando-se o pae, quando Simão Rodrigues era ainda tenro infante, foi este educado com tanto esmero por sua mãe, que mereceu ser enviado a seguir estudos na Universidade de Paris, porque então ainda cá a não tinhamos, propriamente dita, e mais tarde foi que el-rei D. João III a introduziu n'estes reinos, quando de Lisboa transferiu para Coimbra as escolas geraes.

Chamavam-se aos estudantes, que iam á conta da real fazenda, estudantes d'el-rei.

Applicou-se á philosophia com tanto louvor que n'ella se graduou mestre, e foi tambem mui excellente theologo.

Foi achando-se em Paris que travou conhecimento com Santo Ignacio de Loyola, natural de Guipuscoa, que nasceu no anno de 1491, e foi tamanho capitão dos reis catholicos, que a defesa do castello de Pamplona no anno de 1521 contra André de Foix general do rei de França, Henrique de Valois, muito lhe deveu até que n'um dos assaltos ficou quasi por morto, de que se seguiu render-se a praça.

D'esta desgraça, de que lhe resultou para escapar á morte grandes martyrios na cura, sendo preciso cortar-se-lhe um osso, tirou Ignacio de Loyola lição para a conversão da sua vida, indo-se a Monserrate despir armas de cavalleiro, para vestir burel da pobreza; e recolhido depois a uma gruta na cidade de Manreza, com asperas penitencias passou um anno assistido do favor divino, seguindo d'ahi por Napoles, Roma, Veneza até Jerusalem, d'onde na volta aportou por meio de uma tormenta segunda vez em Napoles, e recolhido a Barcelona se resolveu a applicar ao estudo das letras, contando então de idade 33 annos. Frequentou n'esta cidade os primeiros rudimentos, ouviu philosophia na Universidade de Alcalá, e theologia na de Salamanca, indo conclui-la á de Paris, onde com poucos, mas sabios mancebos que ali frequentavam as escolas, lançou os fundamentos d'esta famosa congregação.

Relacionado Simão Rodrigues com Ignacio de Loyola, foi o quinto companheiro que se lhe aggregou, e entrou na primeira junta, em que estes seis padres lançaram as primeiras linhas d'aquelle instituto, fazendo seus votos em Paris na ermida de Nossa Senhora do Monte dos Martyres em o anno de 1534, dia da Assumpção da Virgem, votos que depois renovaram duas vezes nos annos seguintes.

E partidos d'aqui para Veneza, fizeram o transito a pé, com bordões na mão, alforjes de seus papéis ás costas, o rosario da Virgem ao pescoço, caminhando pela raia de Lorena, entrando na alta Allemanha, atravessando por Constancia e Basilea, e chegando enfim ao ponto onde era o termo da peregrinação para ahi esperarem occasião de se passarem a Jerusalem.

Em quanto esta não chegava se repartiram pelos hospitaes prégando, ajudando a bem morrer e assistindo aos enfermos.

Ao nosso padre mestre Simão coube o hospital de S. João e S. Paulo, onde assistiu com admiravel cuidado e rara humildade, varrendo as casas, curando as feridas, e enterrando os mortos.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.